

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA UM NOVO MODELO DE EDUCAÇÃO

Elaine Cristina Dias Souto¹

Glaucia Regina Dias²

Sirlene da Silva Souto³

RESUMO

O presente artigo traz como tema Políticas Públicas para um novo modelo de educação, no que se refere à prática educativa no século XXI e os desafios impulsionados pelos novos recursos tecnológicos, por conseguinte apresenta referências de diversos autores, que trazem questionamentos significantes e pertinentes em relação à educação no mundo contemporâneo, remetendo-nos a repensar sobre o atual modelo educacional neste século, onde as transformações em consequência dos avanços tecnológicos são velozes como nunca antes ocorrido no passado. O texto chama a atenção para políticas públicas sérias, com concepções norteadoras que de fato possam renovar o processo educativo viabilizando coerências entre teorias e práticas para que enfim haja uma educação de igualdade e qualidade em relação a uma sociedade cada vez mais diversificada, exigente e bombardeada de informações.

Palavras-chave: Políticas Públicas. Educação. Tecnologias, Processo Educativo.

ABSTRACT

This article presents the theme Public Policies for a new model of education, with regard to educational practice in the twenty-first century and the challenges driven by new technological resources therefore presents references of many authors who bring significant and relevant questions concerning education in the contemporary world, referring us to rethink the current education model in this century, where the transformations as a result of technological advances are fast like never before occurred in the past. The text draws attention to serious public policy with guiding concepts that actually can renew the educational process enabling coherence between theories and practices so that at last there is an equal and quality education in relation to an increasingly diverse society, demanding and bombed information.

Keywords: Public Policy. Education. Technologies, educational process.

¹Professora graduada em Pedagogia pela faculdade ULBRA.

²Professora graduada em Letras pela faculdade Rainha da Paz.

³Professora graduada em Matemática pela UNEMAT.

1. INTRODUÇÃO

A escola vive um período de transição nesses últimos anos. O avanço tecnológico, a fácil acessibilidade das informações e a globalização estão provocando grandes transformações na sociedade e conseqüentemente também na formação das crianças do século XXI. Dessa forma, o modelo de escola está sendo repensado por professores, especialistas e doutores em educação. “*Um modelo antigo de escola está morrendo e um novo ainda está nascendo.*” Afirma o Doutor em educação Juares Thiesen.

O modelo atual de escola foi estruturado na Idade Média, e desde que surgiu serve para transmitir conhecimentos. Atualmente, com todas essas mudanças na sociedade, a vida corrida e agitada da maioria das pessoas, novos modelos de família, a inclusão, as novas ferramentas pedagógicas, fazem com que todos os envolvidos nesse processo repensem o atual sistema educacional, tanto no que diz respeito às metodologias de ensino, como também na estrutura escolar, na formação dos professores, no plano de cargos e carreiras, na valorização profissional, no currículo, entre outros.

A escola está sobrecarregada de responsabilidades e não consegue digeri-las, em outras palavras não há um modelo de educação que corresponda a todas essas transformações sociais e conseqüentemente parece não atender as necessidades do educando. Dessa forma, embora seja essencial discutir e refletir sobre as novas metodologias que o professor deve assumir e as novas ferramentas pedagógicas que devem fazer parte do cotidiano escolar, provavelmente ainda assim não irá viabilizar uma escola que atenda as novas exigências sociais, tendo em vista que muitos professores e gestores já reconhecem a necessidade dessas mudanças, mas se deparam muitas vezes com barreiras que não permitem reais adequações. É preciso uma reconstrução do sistema de Ensino para que enfim exista coerência entre teorias inovadoras e práticas propriamente ditas.

Para tanto, o presente artigo traz em seu contexto considerações de diversos autores que evidenciam a Concepção Educacional norteadora da incorporação das Tecnologias que renovam o processo educativo no século

XXI, tais como problemáticas contextuais existentes no atual modelo de Educação.

2. UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

O atual modelo de educação enfrenta grandes problemas de adequações frente a uma nova realidade “a era das informações”, “do avanço tecnológico” e “das transformações sociais”. A Escola precisa ser reformada e neste quadro de mudanças as novas tecnologias têm um significado importante para um novo currículo, novas políticas pedagógicas e do novo papel do professor, em termos de formação, conteúdos, métodos, etc. O professor deixa de ser transmissor para ser mediador do conhecimento e o aluno deixa de ser passivo para ser participativo de novas experiências. Dessa forma, as mídias mudaram significativamente a vida das pessoas e é claro da Educação. No entanto, o que parece simples é tarefa extremamente difícil, tendo em vista que a Escola ainda prioriza paradigmas ultrapassados para os dias atuais, talvez como consequência de políticas governamentais que em muitos aspectos não interagem com a política educacional.

Senge (1990), fala sobre a necessária construção de organizações de aprendizagem, onde o desafio que se configura é pensar como nossas escolas, em suas ações cotidianas, podem organizar ações educativas que atendam a demanda por aprendizagens significativas e por efetivas construções de conhecimentos. Em nosso momento histórico atual, reside nos projetos político-pedagógicos a busca por coerência entre as práticas de ensinagens e os novos paradigmas científicos que, no contexto das emergentes mudanças, devem estar presentes nas reformulações pedagógicas. Para tanto, como diz Dowbor (1998), *“a escola deixará de ser lecionadora para ser gestora do conhecimento”*. Ainda de acordo com o autor, pela primeira vez a educação tem a possibilidade de ser determinante.

2.2 Crises de Paradigmas para o século XXI

No início do século XX, H. G. Wells dizia que “*a história da humanidade é cada vez mais a disputa de uma corrida entre a educação e a catástrofe*”. Neste século XXI, temos armas suficientes para destruir toda a vida no planeta e a educação apresenta-se com um sistema escolar que não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade, bem como não apresentam ainda a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações. É um tempo de expectativas, de perplexidade e da crise de concepções e paradigmas.

O texto de Gadotti (2001) “*Desafios para era do Conhecimento*”, revela perguntas bastante pertinentes como, por exemplo:

[...] Qual o papel da educação nesse novo contexto político? Qual é o papel da educação na era da informação? Que perspectivas podem apontar para a educação nesse início do Terceiro Milênio? Para onde vamos? O autor começa pelo significado da palavra “perspectiva”, o qual vale à pena ler e refletir (GADOTTI, 2001, 90).

De acordo com o autor, a virada do milênio é razão oportuna para um balanço sobre práticas e teorias que atravessaram os tempos. Falar de “perspectivas atuais da educação” é também falar, discutir, identificar o “espírito” presente no campo das ideias, dos valores e das práticas educacionais que as perpassam, marcando o passado, caracterizando o presente e abrindo possibilidades para o futuro. Algumas perspectivas teóricas que orientaram muitas práticas poderão desaparecer, e outras permanecerão em sua essência. Quais teorias e práticas se fixaram no ethos educacional, criaram raízes, atravessaram o milênio e estão presentes hoje?

O artigo “*Novas Tecnologias: Apoio para formação de professores*” das Professoras Lúcia Helena de Magalhães e de Neuza Maria de Oliveira Marsicano, fazem importantes comparações entre o novo e o velho Paradigma evidenciando algumas concepções que serão retratadas a seguir para quem sabe nos conduzir a algumas respostas.

Diante de um cenário de quase estagnação do modelo tradicional de ensino, do conteúdo cada vez mais perecível da informação e do conhecimento, do rápido avanço científico e tecnológico, das novas realidades do mercado de trabalho, além dos novos problemas e desafios do mundo atual, cria-se a expectativa pela chegada de um novo paradigma para a educação.

No novo paradigma, o aluno deverá desenvolver a habilidade de *aprender a aprender*, ou seja, ter capacidade de atualização contínua, de apropriar-se do conhecimento, sabendo de quais fontes obter a informação e como filtrá-la. Assim, o aluno estará mais bem preparado para lidar com o crescimento exponencial da informação e com a evolução cada vez mais rápida do conhecimento científico e tecnológico.

O educador, por sua vez, deixará de ser o “provedor” da informação e do conhecimento e passará ao papel de “facilitador” da aprendizagem, orientando e fornecendo oportunidades para que o próprio aluno busque a informação – onde quer que ela se encontre -e transforme-a em conhecimento, dentro de uma postura ativa, reflexiva e criativa.

Para Belhot (1997), a substituição do paradigma do ensino pelo da aprendizagem valoriza e estimula o que o aluno precisa aprender, e não apenas o que o professor pode ensinar.

Na dimensão do processo de ensino-aprendizagem, a grande vantagem na utilização da tecnologia está relacionada ao fato dela permitir um novo caminho de acesso ao conhecimento, onde o aprendiz passa a ser construtor do seu próprio conhecimento, interferindo ativamente na busca da informação e no seu processo de aprendizagem.

Evidentemente, deve estar claro que o aluno não estará sozinho nesse caminho alternativo criado pela introdução da tecnologia: a presença do educador não apenas continuará existindo, como ainda será muito importante. No entanto, o educador substituirá seu papel de “fonte” de informações para o de “facilitador” da aprendizagem, dando condições para o aluno participar ativamente da busca do conhecimento.

Em relação ao novo e o velho paradigma, Gadotti (2001) enfatiza que, enraizada na sociedade de classes escravista da Idade Antiga, destinada a uma pequena minoria, a educação tradicional iniciou o seu declínio já no movimento renascentista, mas ela sobrevive até hoje, apesar da extensão média da escolaridade trazida pela educação burguesa. A educação nova, que surge de forma mais clara a partir da obra de Rousseau, desenvolveu-se nesses últimos dois séculos e trouxe consigo numerosas conquistas, sobretudo no campo das ciências da educação e das metodologias de ensino. O conceito de “aprender fazendo” de J. Dewey e as técnicas Freinet, por exemplo, são aquisições definitivas na história da pedagogia. Tanto a concepção tradicional de educação quanto a nova, amplamente consolidadas, terão um lugar garantido na educação do futuro.

Gadotti (2001), ainda lembra que existe uma problemática com relação educação atual que ainda opera com a linguagem escrita, num cenário onde nossa cultura atual dominante vive impregnada por uma nova linguagem, a da televisão e a da informática, particularmente a linguagem da internet. A cultura do papel representa talvez o maior obstáculo ao uso intensivo da internet, em particular da educação à distância com base na internet. Por isso, os jovens que ainda não internalizaram inteiramente a cultura do papel, adaptam-se com mais facilidade que os adultos ao uso do computador. Eles já nascem com essa nova cultura, a cultura digital. O texto aborda que os sistemas educacionais não conseguiram avaliar suficientemente o impacto da comunicação audiovisual e da informática, seja para informar, seja para bitolar ou controlar as mentes. Trabalhamos muito, ainda, com recursos tradicionais que têm pouco apelo para as crianças e jovens. Os que defendem a informatização da educação sustentam que é preciso mudar profundamente os métodos de ensino para reservar ao cérebro humano o que lhe é peculiar, a capacidade de pensar, em vez de desenvolver a memória. Para McLuhan já em 1969 a função da escola será, cada vez mais, a de ensinar a pensar criticamente. Para isso é preciso dominar mais metodologias e linguagens, inclusive, a linguagem eletrônica.

Seja qual for à perspectiva que a educação tomar no século XXI, uma educação voltada para o futuro, será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo Mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a transformação social do que para a transmissão cultural. Por isso, acreditamos que a pedagogia da práxis, como uma pedagogia transformadora, em suas várias manifestações, pode oferecer um referencial geral mais seguro do que as pedagogias centradas na transmissão cultural, neste momento de perplexidade.

Costuma-se definir nossa era como a era do conhecimento. Se for pela importância dada hoje ao conhecimento, em todos os setores, podemos dizer que vivemos mesmo na era do conhecimento, na sociedade do conhecimento.

2.3. Políticas Públicas para uma nova Educação

Em toda sua existência, o ser humano passou por inúmeras evoluções e transformações sejam de ordem física, cultural ou política. Apesar de todas as mudanças, alguns hábitos acompanharam o homem durante toda sua história, desde seu aparecimento, permanecendo implícitos à sua existência de uma forma tão direta e profunda que parecem movidos pelo próprio instinto - aquele mesmo que ordena ao homem comer e se reproduzir. É o caso da busca e domínio do conhecimento.

Presente na evolução da arte da guerra, na conquista do poder, nas grandes navegações, no tratamento das doenças, na melhoria das condições de vida da humanidade e nas tecnologias, o conhecimento é o combustível básico e obrigatório das ações humanas. Ao longo da história, o poder de um povo ou nação sempre foi medido pela sua capacidade de geração e domínio do conhecimento, ao contrário dos outros animais, onde poder é sinônimo de força física.

A “Era do Conhecimento” está presente e representa um divisor de águas, numa sociedade competitiva. Não dominar o conhecimento significa para o indivíduo estar relegado a um papel profissional e social secundário e

sem perspectivas, para tanto, a Escola deve estar preparada para enfrentar e superar esses desafios que são decisivos na vida principalmente dos jovens. O fato real é que há uma nova sociedade tecnológica e conseqüentemente uma mudança do perfil identitário do jovem escolar como retrata os textos “*Professores Alienígenas e Alunos Alienígenas*” de Eliana Fatobene Martins e Luzia Marta Bellini, embasados na pesquisa de dois educadores australianos, Bill Green e Chris Bigum, realizada em 1993. A pergunta dos autores é: Se a juventude vive em uma sociedade transformada, por que devemos esperar que eles aceitem viver em escolas cujo modelo ainda é do início do século XX?

Green e Bigum (1995) questionam se esse conflito nas escolas não ocorre porque se está lidando com uma geração nova em uma roupagem velha, isto é, com currículos, metodologias e autoridades educacionais inadequados e obsoletos à época contemporânea?

Os textos fazem questionamentos que constantemente estão em discussões, inclusive em conversas cotidianas dentro e fora da Escola. Como, por exemplo, um discurso oficial indicando que os jovens são apáticos, distantes ou negligenciam a vida escolar. Para a maioria dos educadores, momentos difíceis são vivenciados na história da educação brasileira. Os insucessos estão sendo apontados com muita veemência pela mídia. Artigos de revistas, resultados de avaliações, vestibulares, os discursos de educadores, pais, alunos e de outros segmentos da sociedade também apontam a escola contemporânea como um fracasso. Ou seja, há um consenso de que existe um fracasso na instituição escolar.

O índice de desenvolvimento da educação básica divulgado pelos órgãos federais da educação reforça com dados estatísticos aquilo que não se desconhece na realidade educacional do país sobre o índice de desenvolvimento da educação básica divulgado pelos órgãos federais da educação que reforça com dados estatísticos aquilo que não se desconhece na realidade educacional do país. A média geral das escolas brasileiras fica muito abaixo de um índice considerado satisfatório, cabendo algumas reflexões: Quem se responsabiliza pelo fracasso? Que ações podem os educadores

viabilizar? Quais tarefas têm os gestores diante do quadro “caótico” da educação? Qual o real perfil do educando atual? Em relação aos professores a escola também vivencia um ambiente desagradável e hostil. Há muitos professores estressados, sobrecarregados de tarefas burocráticas e intermináveis horas de trabalho com atividades pedagógicas em salas de aula obsoletas.

Apesar de muito se discutir e enfatizar as mudanças de paradigmas é notável uma grande dificuldade de adequações. As autoras salientam que todos os segmentos sociais têm exigido a aprendizagem de conteúdos para a vida do trabalho em uma sociedade cada vez mais complexa em termos tecnológicos. Mas, a escola contemporânea tem sido capaz de ligar a complexidade social aos conhecimentos que apresentam aos alunos? Quais parâmetros curriculares oficiais fundamentaram a escola nas últimas décadas? Que suporte teórico tiveram as escolas públicas? Que tempo tiveram (ou têm) os educadores para discutir seus problemas pedagógicos durante sua carga horária de trabalho? Seus alunos estão na instituição escolar em busca de conhecimentos/conteúdos? Quais interferências o atual momento do capitalismo tem apresentado no dia-a-dia escolar? Os alunos, oriundos de famílias

[...] faz-se necessário um grande esforço de articulação de todas as esferas, pois as transformações sociais provocadas pelas tecnologias de comunicação e informação poderão vir a ser um elemento fundamental atuando "numa perspectiva de efetiva cidadania" (PRETTO, 1999, p. 84).

De acordo com o autor, também desestruturadas não encontram uma escola velha, sem alicerces (laboratório, boas bibliotecas informatizadas, salas de aula sem espaço para a criatividade)? A escola pública não é obrigada a ocupar mais espaço/tempo para “sanar” problemas sociais de seus alunos do que em dimensões pedagógicas e de renovação de conhecimento? Por que não mais se ensina? Por que não mais aprendem os alunos?

Realmente, no texto em questão existem colocações bastante pertinentes, que a muito todos os envolvidos no processo educacional, principalmente os professores vivem procurando esclarecimentos, apesar de

perceberem e entenderem as transformações sociais, porém existe em meio a tudo isso uma grande preocupação, como o fato de que a escola, em relação a tantos compromissos que lhe foram impostos, perdeu sua identidade, seu foco. A organização escolar não permite atingir o seu objetivo premente: o de ensinar. Então, cabe perguntar: Para o século XXI, qual o objetivo da escola? Qual o seu papel? Esta é uma questão crucial. Será mantida uma escola alienada das transformações culturais, sociais e tecnológicas em pleno século XXI? O que é preciso fazer?

Na verdade os textos nos instigam verdadeiramente a refletir sobre o assunto, procurar respostas para tais questionamentos e entender que mudanças nesse sentido são bastante sérias e bem complexas, porque não dependem de um único fator.

Segundo Pretto (1999) a ciência moderna, que no início do século sofre os abalos das teorias da relatividade de Einstein, desde este momento começa a trabalhar com base em outros paradigmas.

Passa-se a trabalhar na perspectiva de compreender a *complexidade* do mundo contemporâneo, sem a preocupação da unificação, das metas-unificação. Segundo o físico Italiano Marcello Cini o que vemos hoje, olhando a evolução da ciência, é uma grande mudança de concepção.

A reforma educativa sempre surge como forma de reverter o quadro que ora nos apresenta. Entretanto, na maioria das vezes não consegue contornar a situação, pois historicamente os profissionais da educação vêm sendo excluídos na elaboração e concepção das leis e reformas educacionais. A Escola precisa de mais autonomia para que haja mudanças e adequações necessárias de acordo com realidade no qual esta inserida. As mudanças mais significativas são com certeza as que ocorrem de dentro para fora. Os profissionais que trabalham diretamente com os alunos precisam urgentemente ser ouvidos. Não basta que educadores de uma forma geral, discutam a educação, é preciso que educadores atuantes diretamente em sala de aula, sejam participativos em qualquer processo de mudanças e adequações.

Durante as últimas décadas a qualidade educacional oscilou e teve múltiplas influências de nossos governantes, é claro que muitos avanços foram constatados, no entanto ainda se espera a superação de dificuldades nas instituições de ensino público que afligem questões orçamentárias, pedagógicas, gestionárias e culturais. Segundo a ONU o maior problema que ainda precisa ser resolvida no Brasil é a Educação.

Sem sombras de dúvidas nenhuma mudança poderá ser feito se não houver por parte do Governo Federal mais investimentos para Educação Básica, talvez um ministério exclusivo, metas educacionais para cada ano (lei de responsabilidade educacional), vagas automáticas nas universidades, entre outros como afirma Buarque (2008) em seu artigo “Formação e invenção do professor no século 21”. É preciso um olhar mais atento para estados e municípios que disponibilizam de poucos recursos para que assim não haja uma educação desigual. No Brasil a diferença de renda entre os municípios chega a ser de quase quarenta (40) vezes. Além das várias transformações que devem acontecer na educação é inegável que a infra-estrutura também é um fator muito importante. Seria preciso que houvesse um padrão mínimo de edificações e de equipamentos para cada uma das 180 mil escolas do Brasil. Neste contexto até mesmo a formação do professor brasileiro teria que ser uma tarefa nacional, para que haja uma igualdade, tanto para a formação quando para o salário e conseqüentemente para avaliação do trabalho docente.

Mediante estudos e reflexões publicados sobre a educação fica evidente que o atual modelo precisa ser reconstruído, e que muitos, há muito tempo vem pensando nisso. Para esse novo contexto, é preciso frisar novamente que gestores e professores têm grandes responsabilidades e devem ser participativos nesse processo de mudanças, uma vez que eles diretamente sentem na pele as cobranças quanto aos problemas da educação e sofrem consideravelmente com essas questões, tanto que as pesquisas e noticiários demonstram essa insatisfação por parte dos educadores. Não adianta que sejam críticos, porém, ao mesmo tempo receptivos em relação ao sistema educacional proposto, é preciso ter atitudes de mudanças, é preciso ter autonomia e ao mesmo tempo buscar parcerias com a família, comunidade e governantes. São necessárias também indiscutivelmente políticas sérias,

comprometidas, que sejam refletoras para reverter esse quadro, ou seja, envolvimento de todos os segmentos da sociedade como já dito anteriormente, para que de fato a Escola encontre seu foco, entenda com propriedade seus objetivos, seja importante e indispensável para atender as exigências sociais, interessante para os discentes e docentes, e assim construa uma cidadania participativa de igualdade e qualidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe a compreensão de que, para um país alcançar seu pleno desenvolvimento, deve haver à qualidade da sua educação. Uma vez que o atual modelo de educação enfrenta grandes problemas de adequações frente a uma nova realidade que permeia seu universo, em função do conhecimento que avança, em uma grande velocidade e as escolas continuam estagnadas. O professor ficou num passado em que era considerado o detentor do conhecimento, utilizando apenas de um giz e uma lousa. Nessa nova virada do milênio, pelos aparatos tecnológicos disponíveis no mercado, o ensino na sala de aula ficou obsoleto, o professor terá que se reestruturar, se reinventar. A condição para ser um bom educador, precisa oferecer o máximo de recursos aos seus alunos.

Dessa forma, tem que haver um grande investimento por parte do governo, gestores e educadores em geral. O Governo em subsidiar a escola com esses novos aparatos tecnológicos, os gestores em buscar parcerias para que esses aparatos sejam de fato inseridos no espaço escolar com quantidade suficiente para atender a demanda e os educadores, que busquem por qualificações para saber conduzir seus educandos no caminho do saber.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUARQUE, Cristovam. **Formação e Invenção do Professor No Século XXI**
Revista Brasileira de Educação, n.11, jul./ago., 2008.

DOWBOR, L. **A reprodução social**. São Paulo, Vozes, 1998.

GADOTTI, **Moacir**. **Educação e poder: introdução a pedagogia do conflito**.
12ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. **Alienígenas na sala de aula**. In: SILVA, Tomás
Tadeu da Silva (org.) Petrópolis RJ: Vozes, 1995.

SENGE, P. **A Quinta Disciplina**. São Paulo: Nova Cultural, 1990.

PRETTO, Nelson. **Educação e inovação tecnológica: um olhar sobre as**
políticas públicas brasileiras. Revista Brasileira de Educação, n.11,
maio/jun./jul./ago. 1999.